



ENTRE O COTIDIANO E O SAGRADO: A ESCADARIA DA PENHA E AS PRÁTICAS DE FÉ E DEVOÇÃO POPULAR

Idelbrando Alves de Lima
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP
del_historia@hotmail.com

RESUMO: O catolicismo popular é um fenômeno típico da religiosidade do povo brasileiro. Sua presença marca profundamente a história e a cultura do país, caracterizando-se por uma pluralidade de práticas devocionais que são vivenciadas em diferentes espaços sociais. Essas expressões evidenciam, de maneira particular, a riqueza, a multiplicidade e a complexidade das manifestações religiosas populares que se concretizam por meio de novenas, ladainhas, coroações de Nossa Senhora, festas, procissões, romarias, peregrinações, promessas, ex-votos, entre outras práticas religiosas. Nesse contexto, a Escadaria da Penha, localizada na cidade de João Pessoa, também pode ser interpretada enquanto espaço no qual o sagrado se materializa mediante as demonstrações de fé e devoção, dirigidas em honra a Nossa Senhora da Penha por seus devotos. Em virtude disso, o presente estudo tem por objetivo compreender e analisar a importância da escadaria na realização de práticas devocionais, buscando apresentar como ela se torna de forma sazonal em um local sacralizado. Para esse propósito, realizamos um levantamento documental e bibliográfico, que incluiu a consulta a reportagens de jornais e telejornais, registros fotográficos e depoimentos orais. Além disso, o estudo dialoga com os conceitos de memória, campo religioso e trocas simbólicas, advindos das contribuições de Maurice Halbwachs, Pierre Bourdieu, entre outros autores, compondo o arcabouço teórico-metodológico da pesquisa em questão. Neste sentido, espera-se que o estudo contribua para a reflexão acerca do catolicismo popular, ressaltando como determinados locais podem ser ressignificados por intermédio das experiências devocionais individuais e coletivas. Além do mais, a pesquisa apontou que a Escadaria da Penha ultrapassa sua função primária de acessibilidade, de uma estrutura meramente física, para se constituir em um espaço simbolicamente sagrado, onde as práticas devocionais permanecem vivas e resistentes, dando continuidade às tradições do povo e ampliando a compreensão do catolicismo popular como um fenômeno rico e diversificado.

Palavras-chave: Catolicismo popular, Práticas devocionais, Espaço sagrado.

INTRODUÇÃO

Demonstrando a minha fé
Vou subir a Penha a pé
Pra fazer minha oração
Vou pedir à padroeira
Numa prece verdadeira
Que proteja o meu baião

Penha, Penha
Eu vim aqui me ajoelhar
Venha, Venha
Trazer paz para o meu lar

(Baião da Penha)

A música *Baião da Penha*, interpretada por Luiz Gonzaga, é um testemunho de fé e devoção pessoal. De acordo com Lima (2020), a composição de David Nasser e Guio de Moraes descreve a promessa que o famoso sanfoneiro pernambucano pagou no alto da Igreja de Nossa Senhora da Penha de França¹, na cidade do Rio de Janeiro, após sofrer um acidente automobilístico na rodovia Presidente Dutra, em 07 de maio de 1951.

A canção de ritmo alegre, dançante e de linguagem regional tipicamente nordestina traduz o universo do catolicismo popular brasileiro, das rezas, dos pedidos e das promessas, imprimindo por meio de seus versos a dimensão simbólica das práticas devocionais que dialogam com diferentes contextos religiosos espalhados por todo o país.

O catolicismo se faz presente no Brasil desde o momento em que os portugueses aportaram nesta terra, em 1500, exercendo forte influência a partir do processo de conquista e colonização do território. Na observação de Boff (1976, p. 19): “O Catolicismo não é somente uma grandeza teológica como concretização do Evangelho no tempo. É também uma realidade histórica, política, sociológica e religiosa, passível de ser analisada”.

Segundo Lima e Cabral (2025), de origem lusitana e de práticas devocionais ricas e diversificadas, o catolicismo tradicional² estabeleceu um vínculo duradouro na cultura religiosa do povo brasileiro, contribuindo decididamente para o surgimento do catolicismo popular no país. Nessa perspectiva, Pedro Rubens (2008, p. 40-41) afirma que

¹ Famosa por sua escadaria de 382 degraus, a Basílica Santuário de Nossa Senhora da Penha de França, popularmente conhecida como Igreja da Penha, é um importante centro religioso da capital carioca, onde se realizam diversas práticas devocionais, entre elas a subida de seus degraus caminhando ou de joelhos.

² O catolicismo tradicional é caracterizado como luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar. Conforme Azzi (1976), esse tipo distinto, juntamente com o catolicismo renovado, definido como romano, clerical, tridentino, individual e sacramental, influenciou a formação religiosa do Brasil.

O catolicismo popular brasileiro inscreve-se no mundo da religiosidade popular, ao mesmo tempo que lhe dá forma e expressão: [...]. O catolicismo popular consiste, assim, numa “dupla tradução e especificação”: de uma parte, constitui uma forma específica da religiosidade popular e, de outra parte, representa uma forma específica do próprio catolicismo.

As práticas devocionais são vivenciadas em diferentes espaços, públicos e privados, evidenciando, de maneira particular, a riqueza, a multiplicidade e a complexidade das manifestações religiosas populares. Essas expressões se concretizam por meio de novenas, ladainhas, coroações de Nossa Senhora, festas, procissões, romarias, peregrinações, promessas, ex-votos, entre outras formas de devoção. Como destaca Hoornaert (1991, p. 99), “O povo tem uma cultura própria e podemos mesmo afirmar que o catolicismo popular constitui a cultura mais original e mais rica que o Brasil já produziu”.

Localizada na capital paraibana, a Escadaria da Penha é um espaço onde o sagrado se materializa por intermédio das demonstrações de fé e devoção dirigidas a Nossa Senhora da Penha por seus devotos. Em virtude disso, o presente estudo tem por objetivo compreender e analisar a importância da escadaria na realização de práticas devocionais, buscando apresentar como ela se transforma, de forma sazonal, em um local sacralizado.

A Escadaria da Penha possui uma relevância histórica e religiosa tanto para o bairro de mesmo nome quanto para a cidade de João Pessoa. Diante da escassez de fontes documentais e bibliográficas a respeito do local, esta pesquisa buscou suporte em registros fotográficos, reportagens de jornais e telejornais, além de depoimentos orais. Ademais, o estudo dialoga com alguns conceitos norteadores, como memória, campo religioso, trocas simbólicas, entre outros, para compreender, de forma exemplificativa, o significado dos espaços e das práticas devocionais para o catolicismo popular.

A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DA PENHA: UM BREVE HISTÓRICO

De origem espanhola, precisamente da Província de Salamanca, a veneração à Virgem do Penhasco remonta ao início do século XV. Conforme narra a tradição histórica, no ano de 1434, o monge francês Simão Vela encontrou, no alto da montanha da Penha, na Serra de França, uma imagem de Santa Maria com o Menino Jesus. A partir desse encontro miraculoso, a imagem passou a ser venerada sob o título mariano de Nossa Senhora da Penha de França, em referência ao local de seu encontro.

Das terras hispânicas, a devoção à Senhora da Penha chegou a Portugal por intermédio de Antônio Simões, que participou da batalha de Alcácer-Quibir. Diante da iminente derrota dos portugueses para o exército marroquino, o oficial intercedeu por sua vida à Virgem Maria,

prometendo-lhe mandar confeccionar nove imagens sob diferentes títulos marianos, caso retornasse salvo à sua terra natal. Tendo alcançado o milagre, logo iniciou o cumprimento de sua promessa.

Todavia, ao chegar à nona imagem, não sabia que título mariano deveria atribuir-lhe, o que o levou a permanecer à espera de uma resposta divina. Foi quando, ocasionalmente, se encontrou com o padre jesuíta Ignácio Martins, que lhe lembrou da invocação de Nossa Senhora da Penha de França. O episódio foi interpretado por Antônio Simões como um sinal dos céus e, por essa razão, além de mandar esculpir a imagem, comprometeu-se a erigir uma igreja onde ela seria colocada, iniciando uma forte devoção lusitana.

Seguindo o caminho de tantas outras devoções marianas que foram trazidas pelos colonizadores portugueses, a devoção à Virgem da Penha atravessou o Atlântico e atracou em solo brasileiro. É da cidade de Vila Velha (ES) o primeiro registro dessa prática, que foi introduzida pelo frade franciscano Pedro Palácios. No decorrer das décadas, outras cidades, a exemplo do Rio de Janeiro (RJ), Recife (PE), São Paulo (SP), também passaram a venerar a Senhora da Penha, cada uma apresentando suas próprias narrativas históricas e devocionais.

Na cidade de João Pessoa (PB), conta-se a história de que, em 1762, um navegador português, supostamente denominado Silvio Siqueira, enfrentou uma terrível tempestade quando navegava pela costa paraibana, regressando para Portugal. Prestes a naufragar e temendo morrer juntamente com toda a sua tripulação, o homem intercedeu à Virgem da Penha para que todos fossem salvos: “os mareantes, desejosos de proteção em seu ofício, também se aproximaram dessa invocação mariana, muito conveniente mediante os perigos enfrentados no mar e as doenças que se abatiam sobre as embarcações” (Almeida, 2024, p. 168).

Em sua súplica, o navegador prometeu à Senhora da Penha que, caso todos saíssem ilesos, construiria uma ermida³ em sua honra no local onde atracassem em segurança. Finalizados os reparos na embarcação, toda a tripulação seguiu viagem. Ocorreu que, em 1763, o navegador retornou à Praia do Aratu⁴, trazendo todo o material necessário para a construção da ermida e a imagem da Virgem da Penha⁵, em retribuição à graça alcançada. Concluída a edificação, o português retornou à sua terra e nunca mais voltou, deixando o pagamento de sua promessa aos cuidados dos moradores locais, que então formavam uma pequena vila de pescadores.

A razão pela qual a ermida foi edificada logo se espalhou pela cidade, atraindo as pessoas até o local, as quais, movidas pela sua fé e devoção, direcionavam suas orações, pedidos e o pagamento

³ “A ermida pode ser considerada a capela primitiva do Brasil. O termo ‘ermida’ vem de ermo, lugar deserto e solitário. Designava inicialmente um local de culto erigido fora dos centros de população. Não obstante, desde o início do período colonial brasileiro o termo generalizou-se, para designar qualquer local de culto de modesta dimensão, mesmo dentro de zona habitada” (Azzi, 1978, p. 35).

⁴ A partir da construção da ermida, a praia e, posteriormente, o bairro passaram a ser denominados por Penha.

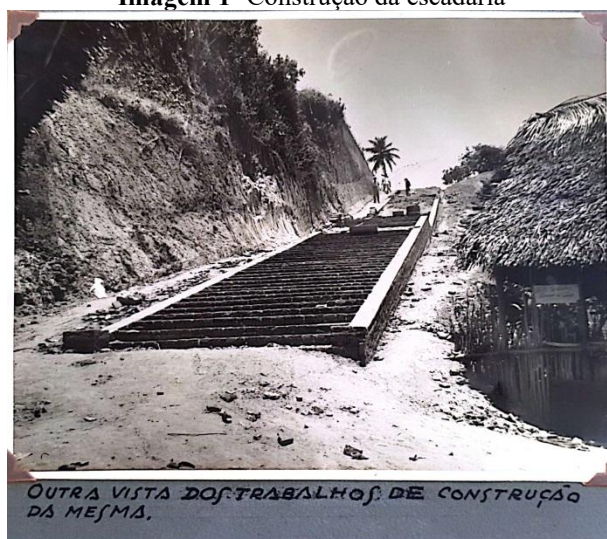
⁵ A imagem trazida pelo navegador português permaneceu no altar de seu santuário por 215 anos, até ser roubada, em dezembro de 1978. No ano seguinte, uma réplica foi colocada em seu lugar. Acredita-se que esse fato nunca interferiu na devoção dos romeiros de Nossa Senhora da Penha.

de promessas em honra à Virgem da Penha. Para Pereira (2003, p. 68): “A devoção nasce, geralmente, da crença em determinados poderes sobrenaturais que o santo de devoção possa ter, frequentemente um acontecimento extraordinário, milagre ou algo do gênero que ocorreu ou que ouviu-se dizer que tenha ocorrido”. Torna-se importante destacar que, a partir desse movimento devocional, surgiu a maior manifestação religiosa do estado da Paraíba, a Romaria da Penha.

No decorrer de sua existência, o Santuário de Nossa Senhora da Penha vem se consolidando expressivamente, acolhendo centenas de devotos que, naquele espaço sagrado, manifestam suas práticas devocionais. Ademais, essas demonstrações de fé foram se intensificando ao longo do tempo, com a incorporação de novas práticas. Dentre elas, destacam-se as realizadas na Escadaria da Penha, que se transformou em um espaço simbólico no contexto das experiências religiosas dos devotos.

A ESCADARIA DA PRAIA DA PENHA

Imagem 1- Construção da escadaria



Fonte: Arquivo Dr. Flávio Maroja - IHGP

Construída entre os anos de 1948 e 1951, durante a administração do prefeito Oswaldo Pessoa⁶, a escadaria dá acesso aos moradores da parte de baixo da Penha à parte alta do bairro, onde se localiza o Santuário dedicado a Nossa Senhora da Penha. Conforme relata Benedito Maia (1992), para o prefeito, a escadaria representava a maior obra de sua gestão e foi um pedido de sua esposa, a então primeira-dama Maria das Neves. Vale frisar que, com parte do material não utilizado na edificação da escadaria, foi erguido um cruzeiro, atualmente abandonado e desconhecido por boa parte da população.

⁶ Oswaldo Pessoa Cavalcanti de Albuquerque esteve à frente da Prefeitura de João Pessoa por duas vezes: a primeira como interventor, entre 04 de abril de 1945 e 03 de novembro do mesmo ano; a segunda, eleito diretamente, entre 14 de março de 1948 e 13 de novembro de 1951.

Para além de sua função primária de acessibilidade, a Escadaria da Penha, ao longo de seus 75 anos e de seus 149 degraus, adquiriu outras funcionalidades, tornando-se um espaço de práticas comerciais, esportivas e, principalmente, de manifestações religiosas realizadas no período da Romaria da Penha.

Nesse sentido, a Escadaria da Penha não representou apenas uma mudança física na paisagem do bairro, mas também transformou o modo como as pessoas passaram a percebê-la e ocupá-la. “Todos os espaços e lugares são uma forma de linguagem. Independentemente da sacralidade, espaços e lugares dizem algo sobre a cultura, a história e os costumes a que pertencem” (Alcuri, 2022, p. 175).

A história da escadaria se funde com a do local e, por conseguinte, com a do Santuário de Nossa Senhora da Penha. Apesar de serem construções de períodos distintos, esses espaços se entrelaçaram e, juntos, têm testemunhado a fé e a devoção dos romeiros da Virgem da Penha.

Imagem 2 - Dois ângulos da Escadaria da Penha



Fonte: Acervo de Idelbrando A. de Lima

Por meio da imagem acima, visualiza-se a Escadaria da Penha em dois ângulos: à esquerda, sua extensão desde a base; e à direita, sua extremidade superior, voltada para a parte posterior do Santuário, mostrando a relação entre ela e seu entorno. Dentre os aspectos observados, vale ainda destacar a beleza natural que envolve todo o percurso da escadaria: os resquícios de Mata Atlântica, a sonoridade do Rio do Cabelo, que corre nas proximidades, e a brisa do mar da Penha, que proporcionam um clima harmonioso e se integram à estrutura de concreto.

Cabe ressaltar que, enquanto importante patrimônio histórico e cultural⁷, a Escadaria da Penha não representa apenas uma obra monumental da engenharia urbana da época; ela tornou-se um marco referencial e identitário para o bairro e, conseqüentemente, para a capital paraibana. Nela, a circulação de moradores e visitantes, o comércio informal e a prática de atividades físicas convivem dinamicamente com as manifestações de fé e devoção popular dedicadas à Senhora da Penha.

Dessa forma, a escadaria é um espaço que testemunha a memória construída a partir da relação entre o cotidiano e o sagrado. A partir da perspectiva de Halbwachs (2013), podemos perceber que as práticas cotidianas e devocionais realizadas na Escadaria da Penha a tornam esse espaço de construção da memória coletiva, continuamente produzida e atualizada dentro de quadros sociais inseridos no ambiente.

Abaixo apresentamos um registro fotográfico das vivências cotidianas realizadas na Escadaria da Penha. No primeiro ângulo, à esquerda da imagem, observa-se um homem praticando atividade física e outro, provavelmente um morador, seguindo pelos degraus enquanto conduz duas bicicletas. No segundo, à direita, visualiza-se um grupo de visitantes descendo a escadaria em direção à praia. As respectivas cenas evidenciam a integração que ocorre entre os diversos usos cotidianos desse espaço.

Imagem 3 - Cenas cotidianas na Escadaria da Penha



Fonte: Acervo de Idelbrando A. de Lima

⁷ Por meio da Lei nº 13.890, de 16 de setembro de 2025, de autoria do Deputado Galego Souza, a Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba declara a Escadaria da Penha como Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial do estado. Na esfera municipal, a Lei nº 15.679, de 30 de outubro de 2025, de autoria do Vereador Damásio Franca Neto, reconhece a Escadaria da Penha como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial e foi sancionada pelo prefeito Cícero de Lucena Filho. Diante da relevância histórica e cultural que a escadaria possui, consideramos que as referidas leis foram criadas tardiamente. Contudo, esperamos que elas possam ser efetivamente executadas, cumprindo seus objetivos de preservar, manter e valorizar o patrimônio.

Há pouco mais de um mês da Romaria da Penha de 2025, a escadaria foi matéria do telejornal *Bom Dia Paraíba*, exibida em 28 de outubro de 2025, trazendo uma reportagem intitulada “Fiéis se preocupam com estrutura da Escadaria da Penha em João Pessoa”. O interesse jornalístico em apurar os fatos e alertar os poderes públicos sobre as condições estruturais da escadaria surgiu a partir de um vídeo enviado por uma telespectadora, que denunciava o estado de deterioração da construção, a qual apresentava incalculáveis rachaduras e degraus quebrados em quase todo o seu percurso, atestando a falta de manutenção do lugar. Por isso, destacamos a criação das leis que buscam preservar tanto a estrutura física quanto a história e a cultura desse valioso patrimônio.

EXPRESSÕES DE FÉ E DEVOÇÃO A CADA DEGRAU

Do ponto de vista devocional, não é possível precisar quando a Escadaria da Penha se tornou um ambiente sacralizado. Entre as diversas histórias de fé que ela testemunhou, escolhemos relatar seis casos específicos: o primeiro, publicado no jornal *A União*; o segundo, noticiado no telejornal *JPB 2ª Edição*; e os quatro últimos, colhidos pessoalmente no final de semana da romaria de 2025.

Imagem 4 - O devoto agradece após pagar promessa



Fonte: Jornal A União

O devoto da imagem acima é Carlos Antônio da Silva, e sua expressão de fé foi publicada no jornal *A União*, em 26 de novembro de 2011. A reportagem relatou que o homem subiu a escadaria de joelhos em agradecimento pela cura que obteve no hospital, após passar sete dias em coma em decorrência de um acidente de moto, e desde então também deixou de ingerir bebida alcoólica.

A segunda história foi exibida no noticiário jornalístico *JPB 2ª Edição*, em 19 de novembro de 2019. Em agradecimento por ter conquistado um emprego, Genilson da Silva Paiva, que se encontrava desempregado desde 2017, contou que sua promessa era subir caminhando 33 vezes a

Escadaria da Penha, a qual ele cumpriu no dia da gravação da reportagem, acompanhado de sua esposa. Como se pode observar na imagem seguinte:

Imagem 5- O devoto sobe a escadaria, cumprindo sua promessa



Fonte: JPB 2ª Edição

Os casos que passaremos a relatar foram colhidos precisamente no final de semana em que ocorreu a romaria de 2025. Durante nossa pesquisa de campo, nos deparamos com inúmeros fiéis visitando o Santuário e se dirigindo às suas dependências – capela histórica, igreja, sala dos milagres e capela das velas – para rezar, pedir, agradecer e pagar suas promessas. Contudo, voltamos nosso olhar para a escadaria que, embora não integre o Santuário, acabou sendo incorporada a ele pelos devotos da Penha como mais um ambiente sacralizado.

Retomando os relatos, nosso primeiro depoimento foi colhido na sexta-feira, dia 28 de novembro de 2025. A jovem Maria Beatriz Rocha Silva, de 15 anos, residente no município de Sapé-PB, subiu a escadaria de joelhos, agradecendo a cura de um problema de visão que afetava o seu olho direito. Ela cumpriu sua promessa no início da noite, utilizou suas sandálias para diminuir o impacto dos joelhos nos degraus e, durante o percurso, foi acompanhada pelo seu pai e sua irmã. Ao lado, o registro que marca o momento:

Imagem 6 - A jovem cumprindo sua promessa

Fonte: Acervo de Idelbrando A. de Lima



O segundo relato foi registrado no sábado, dia 29 de novembro de 2025, e pertence a Felipe Hugo, de 23 anos, residente no bairro de Gramame, na cidade de João Pessoa. Ele fez a promessa de subir a escadaria de joelhos por duas vezes, não consecutivas, quando conquistasse seu automóvel. Nessa ocasião, era fim de tarde e ele estava cumprindo sua promessa pela primeira vez, porém não soube nos informar quando cumpriria a segunda subida. Observou-se ainda que o rapaz havia amarrado uma faixa de tecido nos joelhos, provavelmente para protegê-los de ferimentos, bem como para não danificar a calça jeans. Abaixo, vemos o registro desse momento.

Imagem 7 - O jovem concluindo o trajeto de subida da escadaria



Fonte: Maria Wyderlania

Na madrugada do domingo, dia 30 de novembro de 2025, enquanto a romaria ainda percorria seus 14 km, coletamos nosso terceiro depoimento. Maria Betânia de Melo Paulino, de 42 anos, residente no município de Bayeux, cumpria a promessa de subir de joelhos a escadaria por três vezes consecutivas, após receber a graça de seu filho conquistar um emprego de carteira assinada e de sua própria recuperação das dores que acometiam seus joelhos. A promessa de Maria Betânia não foi feita para ser cumprida uma única vez; ela a realiza desde 2023 e expressou a seguinte fala: “Enquanto Ela (Nossa Senhora da Penha) me permitir, estou cumprindo”. É válido mencionar que, antes de cumprir a sua promessa, Maria, juntamente com seu esposo e sua mãe, percorreu 18 km de caminhada, dirigindo-se ao Santuário a partir da cidade onde reside. A seguir, podemos observar o registro fotográfico em que a devota executa sua promessa.

Imagem 8 - A devota iniciando a subida da escadaria



Fonte: Acervo de Idelbrando A. de Lima

No início da manhã do domingo, 30 de novembro de 2025, Sueli Cariri da Silva, de 33 anos, residente no bairro de Tambaú, na cidade de João Pessoa, pagava sua promessa. Ela obteve a graça da saúde de seu pai, que estava sentindo muitas dores e cujo diagnóstico médico não descartava um quadro de câncer. Foi então que fez a promessa de realizar a romaria e subir de joelhos a escadaria, caso a suspeita médica não fosse confirmada, o que de fato ocorreu. Sueli relatou: “Fiz a promessa porque sou uma mulher de muita fé”. Assim como o depoimento anterior, a promessa de Sueli não foi feita para ser cumprida uma única vez, pois já se encontra em seu terceiro ano. Na fotografia abaixo, podemos visualizar a promessa sendo paga.

Imagem 9 - A devota durante a subida da escadaria



Fonte: Acervo de Sueli Cariri da Silva

Tanto os depoimentos divulgados pela imprensa escrita e falada quanto os coletados no decorrer da pesquisa de campo são apenas uma pequena amostra das inúmeras manifestações de fé que ocorrem no período da romaria. Na escadaria, observamos outros os romeiros pagando suas promessas: há aqueles que, além de subirem de joelhos, carregam também um ex-voto; outros a percorrem rezando o terço.

Nesse sentido, é o corpo do fiel que produz o sagrado enquanto cumpre sua promessa. Como ressaltava Pereira (2003, p. 83): “O corpo desempenha um importante papel na manifestação da devoção sacrificial. Toda atitude de sacrifício passa pelo corpo ou se reflete no mesmo. É através do corpo que as pessoas expressam sua devoção”.

A escolha por um horário mais apazível, isto é, com menos incidência do sol, e por formas de não causar ferimentos nos joelhos, como uso de sandálias para apoio e faixas de tecido envoltas nos joelhos, podem ser consideradas, segundo Menezes (2000, p. 321), como parte da “‘margem de manobra’ que existe em todas as promessas, da qual o devoto pode se aproveitar para minorar suas dificuldades”. Entretanto, isso não significa a diminuição do gesto devocional, tampouco do cumprimento da promessa.

As promessas são dos mais variados tipos e se configuram de acordo com a vontade do devoto. É ele quem decide, diante de seu pedido à Santa, de que forma irá pagar caso seja atendido. A partir das contribuições de Bourdieu (2015), podemos interpretar essa dinâmica entre o devoto, a Santa e, conseqüentemente, a escadaria como parte do campo religioso, no qual circulam os bens simbólicos.

Nessa perspectiva, o pedido à Virgem da Penha, seguido da promessa, o alcance do milagre e o cumprimento na escadaria configuram uma troca simbólica através da qual o romeiro entrega seu esforço físico como pagamento. Entre os bens simbólicos envolvidos nesse processo estão: a fé, a devoção, a graça alcançada, o ex-voto, o pertencimento e o reconhecimento religiosos associados ao cumprimento da promessa. Conforme o autor, esses bens não possuem um valor econômico, mas social e religioso, pois conferem legitimidade às práticas desenvolvidas.

Uma característica das práticas devocionais é que nem sempre a promessa se refere à pessoa que a está cumprindo. Pode acontecer de um devoto fazer o pedido em nome de alguém — parente ou amigo próximo — realizando a promessa em agradecimento. Há casos em que as pessoas cumprem a promessa sem terem sido as autoras do pedido, mas foram as receptoras do milagre.

Desse modo, independentemente da lógica de quem faz o pedido, recebe a graça e cumpre a promessa, os gestos devocionais observados na Escadaria da Penha reafirmam o dinamismo das trocas simbólicas no campo religioso, no qual o esforço físico se transforma em manifestação de fé e agradecimento à Virgem da Penha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa Senhora da Penha
Minha voz talvez não tenha
O poder de te exaltar
Mas dê benção padroeira
Pra essa gente brasileira
Que quer paz pra trabalhar

Penha, Penha
Eu vim aqui me ajoelhar
Venha, Venha
Trazer paz para o meu lar

(Baião da Penha)

O *Baião da Penha*, eternizado na voz do Rei do Baião, retrata magistralmente o universo do romeiro que se dirige ao santuário para pedir graças, agradecer milagres e pagar promessas. A canção eleva as práticas devocionais presentes no catolicismo popular, destacando o gesto de subir a escadaria.

Quando traçamos um paralelo entre a letra da canção e as vivências religiosas realizadas na Escadaria da Penha, percebemos uma forte aproximação entre ambas. Nos versos da música, Luiz Gonzaga é o próprio romeiro que vai com fé ao encontro do sagrado, rezar, pedir proteção e paz para o lar e o trabalho. Nas expressões de fé que apresentamos nesse artigo, cada romeiro da Senhora da Penha dirigiu-se ao seu Santuário, particularmente, à escadaria, trazendo os mesmos gestos e/ou sentimentos expressos na canção.

Das vivências cotidianas às religiosas, a escadaria, no período da romaria, assume um papel distinto, tornando-se um território sagrado para os fiéis da Virgem da Penha. Não consideramos que as práticas cotidianas desapareçam, mas que são temporariamente reorganizadas para dar lugar às manifestações de fé, que conferem à escadaria um sentido religioso.

A pesquisa apontou que a escadaria ultrapassa sua função primária de acessibilidade, de uma estrutura meramente física, para se constituir em um espaço simbolicamente sagrado, onde as práticas devocionais permanecem vivas e resistentes, dando continuidade as histórias de fé do povo e ampliando a compreensão do catolicismo popular como um fenômeno rico e diversificado. Nesse sentido, a Escadaria da Penha é um convite à contemplação, ao lazer, ao esporte, à oração e à devoção à Senhora da Penha.

REFERÊNCIAS

ALCURI, Ludmila Caliman Campos Vinhas. *Stella coelli extirpavit*: percepção, trânsito sacrificial e devoção na ladeira da penitência do convento de Nossa Senhora da Penha na província do Espírito Santo (séc. XIX). *Dimensões – Revista de História da UFES*, Vitória, v. 1, n. 49, p. 167-183, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/38902>>. Acesso em: 09 set. 2025.

ALMEIDA, Leonardo Caetano de. *Nossa Senhora da Penha de França*: história e arte da padroeira da cidade de São Paulo. Guarulhos, Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de São Paulo, 2024.

ALVES, José. *Procissão da Penha terá segurança de mil policiais – ACIDENTE*. A União. Cotidiano. João Pessoa, 26 nov. 2011.

AZZI, Riolando. Elementos para a história do catolicismo popular. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 36, n. 141, p. 95–130, 1976. Disponível em: <<https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/4077>>. Acesso em: 10 out. 2025.

AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOFF, Leonardo. Catolicismo popular: que é catolicismo?. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 36, n. 141, p. 19–52, 1976. Disponível em: <<https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/4074>>. Acesso em: 10 out. 2025.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 8. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2015.

GLOBOPLAY. Bom Dia Paraíba. *Fiéis se preocupam com estrutura da Escadaria da Penha em João Pessoa*. Vídeo. 8m. 28 out. 2025. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/14049250/>>. Acesso em: 07 nov. 2025.

GLOBOPLAY. JPB2JP. *Informações e curiosidades sobre a Escadaria da Penha em João Pessoa*. Vídeo. 3m. 19 nov. 2019. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8100660/>>. Acesso em: 07 nov. 2025.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro – 1550-1800*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

LIMA, Idelbrando Alves de; CABRAL, Newton Darwin de Andrade. Fé sobre duas rodas: De bicicleta, em romaria, ciclistas rumam para o Santuário da Penha, em João Pessoa (PB). In: PINHEIRO, Danielle Ventura de Lima. et al. (Org.). *Religiões e religiosidades na Paraíba*: um início de conversa. João Pessoa: Ed. dos Autores, 2025, p. 63-82. E-book. Disponível em: <<https://materiais.smbrasil.com.br/nec-lancamento-religioes-e-religiosidades-na-paraiba>>. Acesso em: 03 out. 2025.

LIMA, José Cunha. *O retorno do rei*: As representações política e cultural de Luiz Gonzaga, traços de uma trajetória. João Pessoa, Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba, 2020.

MAIA, Benedito. *Prefeitos de João Pessoa (Perfis)*. 2. ed. João Pessoa: Editora Local, 1992.

MENEZES, Renata de Castro. Devoção e diversão: a Festa da Penha (RJ) como uma romaria. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 60, n. 238, p. 312–340, 2000. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/issue/view/140>. Acesso em: 21 out. 2025.

PEREIRA, José Carlos. A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 3, p. 67-98, 2003. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/t_pereira.htm. Acesso em: 03 out. 2025

RUBENS, Pedro. *O Rosto Plural da Fé: Da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer*. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2008. Tomo I.